

A percepção de professores de educação infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola

The perception of kindergarten teachers about the speech therapist work at school

La percepción de los maestros de preescolar acerca de actuación fonoaudiológica en la escuela

Denise Maria Zaratini Fernandes*
Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima*
Ivani Rodrigues Silva*

Resumo

Objetivo: Analisar a percepção de professores de educação infantil sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola. **Método:** Pesquisa do tipo transversal com análise qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professoras de educação infantil e uma pedagoga de educação especial. Todo material coletado foi transcrito na íntegra e analisado, utilizando-se para isso a Análise de Conteúdo. **Resultados:** Nossos achados sugerem que este grupo de professoras apresenta um conhecimento restrito sobre quem é o profissional fonoaudiólogo e sobre sua atuação. O fonoaudiólogo ainda é visto como um especialista, um profissional da área da saúde que em ambiente escolar vai auxiliar o trabalho do professor, dizer como este deve proceder com os alunos que tenham alguma dificuldade na fala, ou que irá sanar tais dificuldades. As professoras veem a atuação fonoaudiológica como algo benéfico, com reflexos positivos, tanto para suas ações pedagógicas, como para seus alunos. **Conclusão:** Foi possível observar que a atuação fonoaudiológica na escola tem muito com o que contribuir e que a busca pelo trabalho em parceria é o caminho para se alcançar mudanças qualitativas tanto na equipe escolar como nos próprios alunos.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Educação infantil; Professores.

* Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP-Campinas (SP), Brasil

Contribuição dos autores: DMZF- Concepção e delineamento do estudo, coleta, análise, interpretação dos dados e redação final; IRS- Concepção e delineamento do estudo, análise, interpretação dos dados e redação final. MCMPPL- Análise, interpretação dos dados e redação final.

Trabalho apresentado oralmente no XIV Congresso Interdisciplinar “Desenvolvimento e competência: atuação interdisciplinar”, no dia 03 de Junho de 2016 na cidade de Poços de Caldas-MG.

E-mail para correspondência: Denise Maria Zaratini Fernandes - denise_zaratini@yahoo.com.br

Recebido: 02/09/2016

Aprovado: 17/01/2017

Abstract

Purpose: To analyze the perception of kindergarten teachers on the performance of the speech therapist professional in the school. **Method:** Transversal study using qualitative analysis. Six teachers of child education and one teacher of special education participated in the study. Semi structuralized interviews have been carried through and all the collected data were transcribed and analyzed using for the Analysis of Content. **Results:** Our findings suggest that this group of teachers presents a restricted knowledge on who is the speech therapist professional and which is his/her area of performance. The speech therapist is still seen as a specialist, a professional of the health area that can assist the work of the teacher, who should proceed with the pupils who have some speech difficulties. The teachers see the speech therapist performance as beneficial with positive consequences for the pupil development. **Conclusion:** It has been observed that the speech therapist performance in the school has much to contribute and the search for a partnership with the teachers is the way to reach qualitative changes in the school team as in the children.

Keywords: Speech Language and Hearing Sciences; Child Rearing; Faculty.

Resumen

Objetivo: Analizar la percepción de profesores de educación infantil sobre la actuación del fonoaudiólogo en la escuela. **Método:** Investigación de tipo transversal con análisis cualitativo. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con 6 profesoras de educación infantil y una pedagoga de educación especial. Todo el material fue transcrito integralmente y analizado utilizando el Análisis del Contenido. **Resultados:** Nuestros hallazgos sugieren que este grupo de profesoras presenta un conocimiento limitado sobre quién es el profesional fonoaudiólogo y su actuación. El fonoaudiólogo todavía es visto como un especialista, un profesional del área de la salud que en el ambiente escolar va a auxiliar el trabajo del profesor; decir como este debe proceder con los alumnos que tengan alguna dificultad en el habla, o irá a sanar tales dificultades. Las profesoras ven la actuación fonoaudiológica como algo benéfico, con reflejos positivos, tanto para sus acciones pedagógicas, como para sus alumnos. **Conclusión:** Se ha podido observar que la actuación fonoaudiológica en la escuela tiene mucho con lo que contribuir y que la búsqueda del trabajo en conjunto es el camino para alcanzar cambios cualitativos tanto en el equipo escolar como en los propios alumnos.

Palabras clave: Fonoaudiología; Crianza del Niño; Docentes.

Introdução

A Fonoaudiologia foi regulamentada como profissão em 9 de Dezembro de 1981, pela lei 6.965 e pelo decreto 87.218, de 31 de Maio de 1982¹. Inicialmente, os fonoaudiólogos eram chamados de ortofonistas, palavra de origem francesa que significa “dizer corretamente” ou “bem falar”.² Esses profissionais tinham o dever de padronizar a língua oficial do país.

A atuação fonoaudiológica na educação, até o final da década de 1970, seguia o modelo clínico-médico e buscava a reabilitação das alterações de linguagem. O trabalho era focado na detecção dos distúrbios da comunicação, contribuindo para que o educador se preocupasse mais com a identificação do problema que o aluno apresentava do que com a compreensão de sua real natureza.³

Em 01 de Abril de 2005, o Conselho Federal de Fonoaudiologia¹, a fim de normatizar a atuação fonoaudiológica na área da educação, além de conscientizar e valorizar o trabalho de tal profissional dentro da comunidade escolar, publicou a Resolução 309, que permite ao fonoaudiólogo realizar ações junto aos educadores, tais como: capacitação e assessoria, desenvolvimento de programas fonoaudiológicos, orientações quanto ao uso da linguagem, motricidade oral, audição e voz, observações e triagens fonoaudiológicas, ações que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem, bem como contribuições na realização de planejamentos e práticas pedagógicas dentro da instituição de ensino².

Desde então, o fonoaudiólogo pode atuar dentro do âmbito escolar, realizando atividades de prevenção e promoção de saúde com ações voltadas

à criação de condições favoráveis ao desenvolvimento das potencialidades dos alunos.³

Para realizar ações de prevenção e promoção de saúde é importante conhecer as necessidades da população e o contexto em que está inserida. Para isso é necessário não apenas controlar fatores etiológicos, mas também elaborar estratégias de ação voltadas para o coletivo. Desta forma, a proposta de atuação não é tornar a população dependente do profissional, mas fornecer autonomia para que possa promover, por si só, a saúde.⁴ A atuação fonoaudiológica no contexto escolar deve priorizar a troca de conhecimentos entre os profissionais que compõe a equipe além de oferecer subsídios para que o desenvolvimento infantil seja favorecido ao máximo. Desta forma, é necessário que o fonoaudiólogo repense sua atuação dentro do contexto escolar, não sendo apenas mero examinador ou orientador, mas sendo aquele que considera a comunicação e a linguagem como ações políticas de acesso e produção dos bens sociais e culturais, ocupando, desta forma, o papel de agente transformador.^{5,6}

As propostas que atualmente são bem sucedidas na escola são aquelas que incluem o professor nas discussões e no fazer em conjunto, não se preocupando apenas em ensiná-lo a detectar problemas.³

Ensinar é significar, e esse processo só é possível por meio da linguagem. A linguagem é considerada como instrumento mediador do pensamento e elemento que sustenta o desenvolvimento de todas as funções superiores, formando e organizando o pensamento, fornecendo conceitos e formas para o sujeito organizar a sua realidade, sendo ambos, portanto, conceito e forma, constituintes da mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.⁷

Como um sistema simbólico de grande importância para a mediação entre os homens, e desses com o mundo que os cerca, a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, uma vez que participa da organização e planejamento de seu pensamento, exercendo, também, a função social e comunicativa.⁸

Em seus primeiros anos de vida, o mundo social da criança passa a incluir outras crianças⁹ e isso é possibilitado pela inserção da mesma em creches e pré-escolas. Nesse sentido, a escola tem um importante papel a desempenhar intermédio do professor, enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem que atua na zona de desenvolvimento proximal de seu aluno, possibilitando-lhe

tornar real todo o seu potencial. E por essa razão, é importante que o professor tenha conhecimentos sólidos a respeito do desenvolvimento de linguagem, a fim de propor estratégias que favoreçam a aprendizagem de seus alunos.¹⁰ As escolas devem estimular e favorecer o desenvolvimento físico, motor, cognitivo, emocional e socioambiental¹¹.

Além disso, o fonoaudiólogo exerce um papel importante no desenvolvimento infantil, pois colabora para a criação de ambientes ricos ao desenvolvimento das habilidades comunicativas.¹² Sendo assim, o fonoaudiólogo inserido na escola tem muito a contribuir na equipe escolar, não apenas como profissional da área da saúde que realiza procedimentos de triagem, encaminhamentos e orientações, mas, como aquele que trabalha com a linguagem e age como mediador das relações sociais. Contudo, para que seja estabelecida uma parceria entre professores e fonoaudiólogos é necessário que os educadores compreendam o papel do fonoaudiólogo e, mais do que isto, que compreendam a importância da linguagem no papel fundante do sujeito e de como podem ser propulsores do desenvolvimento da linguagem na criança.

Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de professores de educação infantil a respeito da atuação do fonoaudiólogo dentro da escola e sobre o trabalho realizado em parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia.

Método

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter transversal, com análise qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP da Universidade Estadual de Campinas sob o parecer de número 736.939 em 22 de Julho de 2014.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras do Instituto Educacional Professora Maria do Carmo Arruda Toledo- Dona Carminha, uma Instituição de educação infantil localizada na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. O critério adotado para seleção das participantes foi que as professoras deveriam lecionar no programa de educação infantil do referido Instituto durante o desenvolvimento da pesquisa.

Esta Instituição de ensino foi fundada em 1976 com intuito de atender crianças e adolescentes surdos da cidade em que a pesquisa foi realizada e de regiões próximas. Além do atendimento oferecido pelo programa de educação especial, desde

2011 tal entidade atende também crianças surdas e ouvintes na faixa etária de 2 a 5 anos de idade em um programa de educação infantil. Junto ao serviço educacional, é oferecido aos seus usuários o serviço de fonoaudiologia, contando com 3 fonoaudiólogas, que realizam o atendimento clínico para crianças e adolescentes surdos inseridos na rede pública de ensino e ações voltadas à promoção de saúde na educação infantil.

O programa de educação infantil comporta cerca de 320 crianças agrupadas em 10 salas de aula e lecionam em tal programa seis professoras de educação infantil e uma professora especialista, com idades entre 27 a 46 anos e com 3 a 26 anos de atuação em sala de aula.

Antes de dar início à coleta de dados, elaborou-se um roteiro para a entrevista semiestruturada, buscando especificar aquilo que se desejaria coletar. Posteriormente, foram realizadas duas entrevistas pré-testes com uma população semelhante à estudada, a fim de verificar se o roteiro de pesquisa estava adequado aos objetivos do projeto. As professoras foram convidadas a participar da pesquisa e após uma breve explanação sobre seus objetivos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Foram utilizadas duas perguntas abertas, uma sobre o que as professoras conheciam da atuação do profissional fonoaudiólogo e sobre como elas viam a parceria fonoaudiologia e pedagogia.

Após o aceite das professoras, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada uma e realizadas em uma das salas do setor de fonoaudiologia da Instituição, com duração de aproximadamente uma hora cada.

Foram realizadas seis entrevistas no período de outubro a dezembro de 2014 e uma em maio de 2015. Todas foram registradas em áudio através de um gravador contido em notebook de marca Samsung, modelo RV411. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra, compondo assim o corpus do trabalho. Para tratamento dos dados coletados foi utilizada a Análise de Conteúdo. Este tipo de análise é um método muito utilizado para o tratamento de dados qualitativos e compreende um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.¹³

Tendo em vista que o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de professoras de educação infantil sobre a atuação fonoaudiológica na escola, após as entrevistas os dados foram

analisados e compilados aos achados encontrados na literatura.

Resultados e discussão

Focalizando as narrativas das professoras da educação infantil e seus relatos sobre como concebem o trabalho da fonoaudiologia no espaço escolar, percebe-se o posicionamento destas em relação ao trabalho fonoaudiológico, as parcerias possíveis e, também, como veem o desenvolvimento da linguagem na faixa etária de dois a cinco anos de idade. Elencamos duas categorias para análise, sendo elas: 1- Quem é o profissional fonoaudiólogo e 2- Possibilidade de parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia.

Quem é o profissional fonoaudiólogo

Buscando compreender qual o espaço ocupado pelo fonoaudiólogo nos discursos destas profissionais, abaixo apresentamos alguns recortes que nos chamaram a atenção ao longo da transcrição.

“Nunca tinha ouvido falar” (Professora 1)

“Eu sabia que trabalhava com a fala! Porque minha irmã gaguejava de vez em quando, era criança e indicaram, pediram pra minha mãe levar.” (Professora 2)

“[...] eu imaginava o profissional sempre ligado à área da surdez.” (Professora 3)

“Bom, de início eu achei estranho, como eu já disse, mas depois com o “andar da carruagem” eu percebi que era um trabalho com os profissionais também.” (Professora 4)

“[...] à primeira visita a fono fazia orientação do uso do aparelho.” (Professora Especialista)

“[...] se não tivesse [fonoaudiólogo na escola] eu estaria perdida [...] mesmo com as implantadas [crianças com implante coclear] é bom sempre ter a orientação de como a gente ensina, o que fazer, como falar, então é muito importante.” (Professora 5)

“Trabalha na área da audição e da fala, mais coisas eu não sei não.” (Professora 6)

Percebe-se nas falas de todas as professoras citadas acima que o fonoaudiólogo, ou é um profissional desconhecido, ou aquele que trabalha

com a audição e com a fala, ou ainda alguém que vai auxiliar no trabalho com o aluno surdo, mas que também pode exercer seu papel junto aos profissionais da escola, não só com os alunos que apresentam alguma dificuldade.

Alguns estudos^{14,15} também relatam o desconhecimento de profissionais da educação sobre o trabalho do fonoaudiólogo e suas possíveis áreas de atuação. Para compreender a distância entre a clínica e a escola, coloca-se que para que se possa atingir sucesso nas práticas fonoaudiológicas dentro do ambiente escolar é necessário que haja melhor compreensão do trabalho do fonoaudiólogo por parte da equipe escolar, principalmente do professor, garantindo assim uma atuação integrada em busca da promoção da saúde e da aprendizagem dos alunos³.

Continuando com a mesma temática, em outro momento da entrevista, a professora especialista refere que o fonoaudiólogo trabalha na área da linguagem e que muitas vezes, os professores, por se aterem apenas à parte pedagógica se esquecem, como a participante mesma refere, da própria linguagem e de como trabalhar em sala de aula.

Sobre esse aspecto, alguns autores¹⁶ referem que, muitas vezes, o desenvolvimento de linguagem da criança não transcorre de forma satisfatória devido a pouca valorização dos pais e dos professores, os quais não atuam ativamente no processo de aquisição da linguagem da criança, resultando em poucos momentos de interação e de diálogo entre eles em seu dia-a-dia. Para que a participação dos pais e dos professores seja efetiva neste processo, é necessário que eles conheçam mais sobre o processo de desenvolvimento da linguagem, incluindo situações dialógicas que ocorrem no dia-a-dia da criança. A professora especialista menciona que, do seu ponto de vista, as demais professoras da Instituição entendem o trabalho fonoaudiológico como algo clínico, voltado à área da saúde.

“[O fonoaudiólogo pode atuar] com a própria área da linguagem. Até aqui na educação infantil, [...] verificar a questão da linguagem. [...] Porque não é só a área da oralidade ou da escrita [...] eu acho que é fundamental, principalmente aqui, na educação infantil, que é o que elas [professoras] também não conseguem, elas ficam tão na parte pedagógicas, tão ali voltadas, que elas esquecem que tem uma linguagem, em como trabalhar essa linguagem, que eu acho que é o fundamental para que eles possam “deslançar”, acho que essa área

da linguagem é fundamental... como trabalharem [...] Eu acho que elas entendem [que o papel da fonoaudiologia na escola] é mais clínico. [...] ou algum projeto específico ou está muito voltado pra audição”. (Pedagoga de Educação Especial)

Sobre essa temática, um estudo¹⁷ realizado com crianças em idade pré-escolar em um município do interior paulista, refere que em sua atuação em instituições educacionais, o fonoaudiólogo deve dispensar mais atenção às atividades de prevenção e promoção, visando desenvolver plenamente seu papel e contribuir para modificar a percepção do professor de que realiza, prioritariamente, triagens e encaminhamentos. Este estudo evidencia a representação sobre o trabalho fonoaudiológico como aquele que está voltado apenas para a identificação e tratamento de alterações e não para a promoção da saúde, ou ainda, para a atuação na direção do desenvolvimento infantil e da qualidade de vida dos alunos.

Ao longo das entrevistas o trabalho do fonoaudiólogo também foi relacionado com a retirada e/ou conscientização sobre os malefícios ocasionados pelos hábitos deletérios como sucção de chupeta e digital e uso da mamadeira, como observado nos excertos abaixo:

“Foi uma coisa fundamental, ter esse respaldo para retirada da chupeta. Então pra essa questão de aprendizagem que entra a fala, esse objeto que é a chupeta atrapalha, [então] já ajuda com a fono, estando junto com a família. [...] eu achei muito válido, o trabalho aqui na escola, com essa parceria porque como atrapalha a criança a falar quando passa da idade adequada, quando eu tive a reunião de pais eu já tive esse respaldo.” (Professora 1)

“A noção que eu tinha é que a chupeta deixa o dente pra frente, só isso, não que prejudicaria a fala nada disso. Trabalhar de forma preventiva, que nem eu não tinha ideia que chupeta, que trabalhava com chupeta, com mamadeira, que podia trabalhar contando histórias, entendeu? Eu achei que fono só trabalhava a fala mesmo. [...] importante a ajuda da fono junto às crianças e tenho certeza que pras famílias também, ajuda muito as famílias na questão de largar a chupeta, largar a mamadeira.” (Professora 4)

A Professora 1 fez uma relação entre a fala e a aprendizagem da escrita, pois no início do processo de alfabetização a criança pode realizar o apoio na oralidade. Caso tenha algum hábito deletério como

chupeta e/ou mamadeira isso poderá acarretar diversas alterações na arcada dentária e na postura de língua, o que também causará alterações em sua fala. A entrevistada coloca a atuação do fonoaudiólogo como um respaldo ao seu trabalho, como se a presença do fonoaudiólogo na escola qualificasse seus argumentos sobre o tema ao conversar com os pais, empoderando-a perante a família.

Encontra-se na literatura^{18,19} que o empoderamento de indivíduos e comunidades inclui a promoção da conscientização e o fornecimento de informações relevantes a respeito do campo da saúde, possibilitando ao indivíduo autonomia para fazer suas escolhas.

A Professora 4 não tinha conhecimento sobre os prejuízos acarretados na arcada dentária e postura de língua da criança devido ao uso exacerbado de chupeta e mamadeira, por exemplo. Ao ser questionada sobre o trabalho do fonoaudiólogo na escola, coloca a atuação de tal profissional como algo preventivo que auxilia, além das crianças, também suas famílias. Menciona, ainda, que antes de acompanhar o trabalho realizado em sala de aula não tinha o conhecimento que o fonoaudiólogo poderia trabalhar com a conscientização para retirada de hábitos deletérios, mas apenas realizar o trabalho voltado às alterações de fala.

“Eu acho que sempre foi benéfico e bem produtivo, a gente consegue ver hábitos que a criança tinha e que ela deixou, então deu muito resultado, a gente tem exemplo de crianças que chupavam chupeta e por uma contação de história, ou por uma atividade direcionada, deixaram os hábitos, tem relato de pais que deu super certo. [...] então eu acho que a fono está trabalhando legal que está com esse olhar, tem feito o trabalho de prevenção.” (Professora 6)

A Professora acima observa que após o trabalho realizado em sala de aula em parceria entre a fonoaudióloga e a professora, os hábitos dos alunos foram modificados, sendo que alguns conseguiram deixar o uso da chupeta. Outro ponto levantado pela entrevistada foi com relação ao uso da chupeta e da função mastigatória. A professora vê como positivo tais temas serem abordados não somente pelo dentista, mas também pelo fonoaudiólogo no ambiente escolar, contribuindo para a conscientização dos alunos e podendo prevenir alterações.

É comum a ocorrência de hábitos deletérios em crianças inseridas na educação infantil. Juntamente aos hábitos, ocorrem, na maioria das vezes,

alterações oclusais, sendo observada com maior frequência a mordida aberta anterior. Essas alterações podem acarretar em prejuízos para a fala, pois alteram posicionamento da língua e dos dentes, prejudicando a mastigação, além de favorecer a respiração oral.

A prevalência de maloclusão em crianças que usam chupeta é 5,46 vezes maior do que naquelas que não a utilizam.²⁰ Desta forma, é importante a criação e aplicação de medidas educativas e preventivas que tenham como objetivo informar e conscientizar pais, crianças, responsáveis e profissionais da área da saúde a respeito dos prejuízos ocasionados por tais hábitos e a necessidade de evitá-los. A implantação de estratégias de educação em saúde que envolva pais, escolares e professores se mostra benéfica, pois além de proporcionar gastos menores, são imprescindíveis para a mudança permanente de hábitos indesejados.²¹

Em um estudo²² realizado em um estado da região sul do país, as autoras tiveram como meta avaliar uma estratégia motivacional para a remoção do hábito de sucção de chupeta em pré-escolares matriculados em escolas de educação infantil. O estudo revelou que a estratégia motivacional proposta foi efetiva na população estudada e pode ser utilizada como ferramenta no desenvolvimento de educação em saúde bucal na escola.

Além da questão sobre a presença de hábitos deletérios na educação infantil, sua prevalência e prejuízos de sua utilização, outro aspecto levantado pelas professoras foi sobre o trabalho do fonoaudiólogo em relação à surdez. O presente Instituto tem um histórico na educação de surdos no interior do estado de São Paulo e que, também, atende crianças surdas e implantadas em seu programa de educação infantil. Observa-se esse fato na entrevista da Professora 3:

“Eu imaginava o profissional sempre ligado à área da surdez [...] Quando ele [aluno surdo] usava o aparelho direitinho ele falava muito bem e com as terapias mais ainda, eu poderia conversar com ele normalmente a leitura labial, eu percebi muito nítido como é importante na vida do surdo. [...] a fono passou várias técnicas, coisas que eu e minhas monitoras poderíamos fazer pra facilitar, então eu sempre penso o que seria de mim se eu tivesse os implantados na minha sala e não tivesse ninguém pra me orientar. [...] eu me preocupo muito com esses implantados em outras escolas que não tem esse profissional.” (Professora 3)

Podemos observar que a Professora 3 faz correlação do trabalho do fonoaudiólogo apenas com a área da surdez, voltado apenas para a reabilitação auditiva, ao uso do aparelho de amplificação sonora individual- AASI e a leitura orofacial. Essa professora relata também que recorre ao fonoaudiólogo para lidar com questões referentes aos aparelhos e/ou implantes cocleares. Afirma como sendo importante a presença do profissional dentro da escola para realizar a orientação no que diz respeito ao trabalho em sala de aula com crianças implantadas.

Neste caso, o fonoaudiólogo ocupa um lugar de saber, pois em sua formação adquiriu o conhecimento sobre a audição, suas afecções e recursos tecnológicos que podem auxiliar no processo de (re) habilitação do sujeito surdo. Sendo assim, o fonoaudiólogo representa o papel de especialista e o professor fica no papel de espectador deste trabalho, necessitando de orientação e direcionamento também em sala de aula. Isso foi observado na fala da professora quando afirma que o trabalho do fonoaudiólogo com alunos surdos faz todo o sentido, pois já vivenciou em sua prática esse trabalho.

Historicamente, a fonoaudiologia esteve atrelada ao trabalho com sujeitos surdos, principalmente com a abordagem oralista. Nesta abordagem, a fala é considerada a língua legítima e privilegiada em detrimento a outros sistemas de significação. O objetivo da abordagem oralista é “facilitar” a integração social do surdo, aproveitando para isso o máximo do resíduo auditivo através de aparelhos de amplificação sonora²³. Desta forma, todas as crianças devem ter algum tipo de estimulação auditiva, tendo em vista que a audição como canal sensorial é de grande importância para o desenvolvimento da comunicação oral. Para isso, a utilização das próteses auditivas é de grande importância no processo de habilitação e reabilitação do deficiente auditivo.

Além da utilização de aparelho de amplificação sonora individual (AASI), outra tecnologia importante que tem ganhado destaque é o implante coclear, um dispositivo eletrônico de alta complexidade introduzido na cóclea, que estimula eletricamente as fibras nervosas remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico ao nervo auditivo, a fim de que seja codificado pelo córtex cerebral.

Encontramos autores²⁴ que afirmam que para se obter benefícios do implante, a diferença entre a idade linguística e a idade cronológica deve ser minimizada, e a informação auditiva deve ser introduzida durante os períodos críticos de

desenvolvimento de linguagem. É necessário não apenas a realização da cirurgia para a colocação do implante coclear, mas também o acompanhamento fonoaudiológico desta criança, sendo importante a participação da família e da escola neste processo, pois a criança deve não apenas detectar os sons, mas compreendê-los e significá-los.

Seguem abaixo relatos de professoras que associaram o trabalho fonoaudiológico com as correções da fala:

“Eu só imaginava que era só na questão da fala em ajudar a criança a melhorar na fala, na audição de jeito nenhum [sobre a fonoaudiologia trabalhar com crianças com implante coclear] [...] eu tive uma criança com implante coclear, no princípio eu fiquei meio desesperada [...] A [fonoaudióloga], ela que me explicou direitinho, mas eu lembro que veio o desespero, mas veio uma paz quando eu lembrei que eu tinha vocês aqui na escola eu pensei assim: ‘Graças a Deus tem as fonos que vão me ajudar, vão me orientar’.” (Professora 4)

“Eu acho que seria bem mais complicado, [se não tivesse o fonoaudiólogo na escola] eu talvez, me sentiria faltando algo. ‘Como eu vou fazer com essa criança?’, eu me sentiria desamparada. Porque se a gente tem dúvida a gente procura né? [...] às vezes tem coisa que você até sabe, mas não pode levar a diante como professor. Precisa de uma equipe de profissionais mesmo, pra te ajudar a avaliar.” (Professora 6)

A Professora 4 demonstrou ter conhecimento do trabalho fonoaudiológico voltado apenas para a correção de alterações na fala, não associando em um primeiro momento que o fonoaudiólogo pudesse trabalhar também com questões voltadas à audição. Quando questionada se possuía algum aluno surdo em sala de aula e quais os sentimentos envolvidos, a professora relata que teve um sentimento de desespero, por não saber lidar com a necessidade daquela criança; no entanto, a presença do setor de fonoaudiologia dentro da escola representou para ela uma segurança, por ter um profissional com conhecimento específico na área que a auxiliasse neste processo.

A visão apresentada pela professora 4 também é observada na fala da Professora 6 que demonstra maior segurança em sua atuação com o aluno surdo, por ter a presença da fonoaudióloga na escola. Podemos observar, também, na fala da entrevistada que, algumas vezes, a mesma tem o conhecimento

por determinado assunto, no entanto, não se sente segura para, como ela mesma diz “*levar adiante como professor*”, então ter um profissional da saúde dentro da escola daria maior respaldo ao seu trabalho, além de ajudar na avaliação dos alunos com alguma dificuldade; nesta questão o fonoaudiólogo é visto como aquele que vai detectar algum desvio, resquícios ainda de sua história.

“Eu achei que era só com os surdos. [...] eu não estranhei, porque já sabia que a escola trabalhava com surdos, por isso. [sobre trabalhar com aluno surdo] ‘eu fiquei bastante apreensiva [pensei] ‘O que eu vou fazer agora?’’, porque não tinha conhecimento, nunca tinha trabalhado, mas depois no dia-a-dia com a ajuda das fono de aqui do Instituto, então eu vi que não era um bicho de sete cabeças. [...] eu tive que buscar muita coisa, aprender algumas palavras em libras, pra poder trabalhar com ele, mas eu achei que foi bastante produtivo. E depois os implantados foi um pouco mais fácil. [...] se não tivesse [fono] eu estaria perdida. [...] sempre bom ter a orientação de como a gente ensina, o que fazer, como falar, então é muito importante.” (Professora 5)

Ao contrário da Professora 4, a Professora 5 coloca que tinha o conhecimento de que o trabalho do fonoaudiólogo era realizado apenas com os alunos surdos e que pelo Instituto ter um histórico de trabalho na educação dos mesmos, ela não estranhou a presença desse profissional no meio escolar. Mais uma vez a fonoaudiologia vem associada à área da surdez. Ao ser questionada sobre os sentimentos que teve ao saber que teria um aluno surdo em sala de aula, a professora refere que ficou apreensiva e que a ajuda das fonoaudiólogas foi importante no direcionamento do seu trabalho com esta criança, sendo significativo para ela.

Parceria entre Fonoaudiologia e Pedagogia

O ambiente escolar tem sido visto como cenário facilitador para promoção de saúde e prevenção de doenças. Desta forma, o professor tem papel de facilitador de tais ações, podendo desenvolver em sala de aula estratégias de ensino e aprendizagem.

Em um trabalho¹⁵ que aponta a importância da fonoaudiologia na escola, é enfatizado que mesmo que a fonoaudiologia esteja inserida na área da saúde, os conhecimentos específicos da formação do fonoaudiólogo se articulam, de forma direta,

com questões e demandas que emergem no sistema educacional.

Desta forma, a prática fonoaudiológica é de grande importância no contexto escolar e o trabalho realizado em parceria entre a fonoaudiologia e a pedagogia tem grande importância, pois resulta em contribuições positivas para o desenvolvimento dos alunos. Ao assumir uma proposta de promoção de saúde na escola a fonoaudiologia deve construir processos educativos que facilitem a expressão dos aspectos contextuais, sociais, subjetivos e culturais que influenciam as percepções acerca do cuidado em saúde.²⁵

Abaixo se encontram excertos retirados das entrevistas com as participantes que retratam a parceria desenvolvida entre a fonoaudiologia e a pedagogia em sala de aula.

“Foi ótimo [...] a turma gritava muito e falava muito alto, com a gente focando no ouvido, que é relacionado que o que sai da boca dói o ouvido eles diminuíram o tom, não cem por cento, mas foi mecanismo da nossa parceria, de não machucando o ouvido a voz sendo controlada, esse trabalho contribuiu e eles diminuíram. Até a dica do refeitório que dá mais barulho [eco] eu polício eles a entrar lá e não gritar, não pedir nada gritando, levantar a mão ou a ficar quietinho, porque senão vai doer o ouvido de todo mundo. E eu não tinha esse conhecimento, então ajudou sim a cuidar do ouvido controlando a voz.” (Professora 1)

A Professora 1 estabelece uma relação de parceria em relação à audição e que consegue colocar em prática pequenas ações em seu dia-a-dia, preservando a saúde auditiva dos alunos e a própria.

“Eu acho que a gente trabalha numa parceria legal, um reforça o outro, quando nós fizemos o esquema corporal foi muito legal, da boquinha, da higiene, tem uns que ainda guardam a boquinha até hoje, então assim, eu achei que é muito importante, acaba uma reforçando o trabalho da outra, então eu acho muito importante mesmo, eu tenho gostado muito. Eu acho que essa nova atuação da fono dentro de sala de aula eu acho que tanto os professores mais ainda as crianças ganharam muito. [...] eu vejo uma parceria entre a gente, um trabalho conjunto, a gente caminhando junto, vocês nos orientando.” (Professora 3)

A Professora 3 tem experiência no trabalho de parceria entre fonoaudiologia e pedagogia com crianças e adolescentes surdos. E por ter esta

vivência, consegue enxergar um novo enfoque no trabalho realizado pela fonoaudiologia no ambiente escolar. Relata que algumas ações em sala de aula, como a da construção de um medidor de ruído com os alunos, resultaram em efeitos positivos em sala de aula. A professora relata que as duas áreas caminham juntas, mas o fonoaudiólogo tem um papel de orientar o trabalho do professor quando diz: “*vocês nos orientando*”. Observa-se, desta forma, que o fonoaudiólogo exerce um papel de especialista, aquele que ocupa um lugar de saber, que está acima do professor.

“É que nem aconteceu com a gente no comecinho, as crianças queriam saber sobre o aparelho [Implante Coclear], tinha curiosidade e você fez uma palestra, levou aquele ursinho com o aparelho, isso me ajudou e nada mais legal que a pessoa que conhece do assunto explicar pra criança. Depois, claro que a gente foi trabalhando em sala de aula, eu acho muito importante, enriquece muito o trabalho pedagógico na escola, muito mesmo”. (Professora 4)

“Pra mim foi bastante enriquecedor, porque eu acho que as crianças precisam entender como é que funcionam as coisas e desde que o trabalho começou surtiram vários efeitos, com o projeto de saúde vocal, eles entenderam o caminho que a voz faz o que pode acontecer se gritar demais, os calinhos, tanto que eles contam a história direitinho até hoje, [...] fora os outros conteúdos que a gente tem trabalhado junto, eu trabalho em sala e você vem com sugestões, da inclusão trabalhou com sons, eles conhecerem o forte e o fraco, então eu acho que tem ajudado muito. [...] tudo que a gente trabalha em conjunto surte um efeito melhor, família, escola, parcerias, contribui para um trabalho eficaz.” (Professora 5)

As Professoras acima dão exemplos da atuação conjunta com a fonoaudióloga em sala de aula e como tais ações foram benéficas. A professora 6, traz exemplos da atuação em parceria em sala de aula, no entanto, também reitera a espera pelas orientações fornecidas pelo fonoaudiólogo sobre como proceder com alguns alunos que têm dificuldades na fala. A esse respeito, a literatura²⁶ mostra que mesmo que os professores tenham conhecimentos acerca da promoção de saúde, é necessário capacitações e apoio para atuarem como agentes promotores de saúde.

“Eu acho que sempre foi benéfico e bem produtivo, porque assim, a gente consegue [...] hábitos que a criança tinha e que ela deixou, então deu muito resultado com várias crianças, a gente tem exemplo de crianças que chupavam chupeta e por uma contação de história, ou por uma atividade direcionada, deixaram os hábitos, tem relato de pais que deu super certo. [...] inclusive o ruidômetro [medidor de ruído construído em sala no formato de um elefante para sinalizar quando o barulho está muito alto] no refeitório já tem dado muito certo, a gente conseguiu um grande avanço na nossa salinha [...] eu trabalho, explicando ‘Olha a gente vai para refeitório lá não é lugar de barulho’, então elas conseguem passar. Tem funcionado. [...] se tivesse como, o que eu espero é de depois das nossas conversas e observações, aquela criança que faz certa troca, uma orientação de como proceder com essa criança em sala de aula.” (Professora 6)

Alguns estudos^{27,28} discorrem sobre a importância da instrumentalização dos professores, bem como da participação do fonoaudiólogo no planejamento de ações de promoção e prevenção de saúde, buscando facilitar o encaminhamento de crianças que apresentem alterações comunicativas.

A professora especialista trabalhou durante alguns anos em uma Instituição que atende crianças e adolescentes surdos, por este motivo o fonoaudiólogo aparece como profissional participante neste processo de reabilitação. Sua visão a respeito da parceria entre as duas áreas difere da apresentada pelas demais participantes. Aquilo que a professora chama de parceria, refere-se às ações de orientação aos professores de escolas regulares, tanto Municipais como Estaduais, ocorrerem em conjunto. Além disso, mais uma vez, o fonoaudiólogo é visto apenas como o profissional que vai orientar o trabalho do professor em sala de aula.

“Eu fazia o atendimento individual com esses alunos surdos que frequentavam a rede regular Municipal e Estadual e tinha uma vez na semana a gente fazia as visitas na escola, a gente ia na escola pra orientar o professor de como ele tinha que trabalhar, que nível pedagógico eles estavam, então ia sempre a pedagogia e a fono, sempre [...] sempre parceria.” (Professora Especialista)

Através dos excertos acima foi possível observar que o fonoaudiólogo ainda é um profissional pouco conhecido e que sua presença dentro da escola causa, a princípio, certa estranheza na equipe escolar, como refere a Professora 3 “[como] se um

médico tivesse aqui no nosso meio”. Essa e outras crenças reforçam a visão que o fonoaudiólogo é um profissional da área da saúde e que sua atuação dentro da área educacional ainda é pouco conhecida. Isso se deve ao fato de que o percurso histórico da fonoaudiologia ainda está muito presente em sua história atual, ou seja, da profissão ter nascido dentro da educação com propósitos clínicos.

Outro aspecto comum encontrado na fala das professoras foi sobre o trabalho do fonoaudiólogo com a voz, como sendo ele aquele que transmite conhecimentos sobre a saúde vocal e que vai tratar as queixas vocais dos professores. Esse trabalho é visto como sendo importante dentro do âmbito escolar.

As professoras também representam o fonoaudiólogo como aquele que detém o saber em uma área específica, no caso, audição e linguagem oral, e que por ter esse saber é o *especialista*, dentro da escola, responsável por sanar possíveis dificuldades e “problemas” encontrados nos alunos, ou aquele que vai direcionar o trabalho do professor em sala de aula ou, ainda, aquele cuja presença na escola pode empoderar e qualificar a atuação do professor junto aos pais.

Apesar das participantes do estudo terem um conhecimento restrito sobre a atuação do fonoaudiólogo, o trabalho realizado em parceria foi visto como algo positivo e que apresenta bons resultados, tanto aos alunos, como também às próprias professoras. Isso demonstra que tais ações devem ser intensificadas a fim de buscar um trabalho coeso e de maior troca entre essas duas áreas de saber, tentando assim um trabalho interdisciplinar.

Conclusão

As ações realizadas no ambiente escolar buscando a promoção de saúde são vistas como positivas pelas profissionais entrevistadas. Mostra que saúde e educação podem caminhar lado a lado, favorecendo toda a comunidade escolar.

Foi possível observar que o grupo entrevistado tem pouco conhecimento e entendimento a respeito do papel que o fonoaudiólogo pode exercer dentro da escola, mesmo presenciando a atuação desse profissional no mesmo ambiente de trabalho.

No entanto, apesar do conhecimento restrito a respeito da atuação fonoaudiológica, as professoras veem essa atuação de forma benéfica, com reflexos positivos, tanto para suas ações pedagógicas, como

para o desenvolvimento de seus alunos. Portanto, o fonoaudiólogo em ambiente escolar tem muito a contribuir e a busca pelo trabalho em parceria é o caminho para se alcançar mudanças qualitativas tanto na equipe escolar como nos próprios alunos.

Referências bibliográficas

1. Conselho Federal de Fonoaudiologia. [homepage na internet]. Brasília: Conselho Federal de Fonoaudiologia, [atualizada em 2016 Jun 3; acesso em 2016 Dez 02]. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/legislacaoPDF/Res%20309%20-%20Atua%C3%A7%C3%A3o%20Escolas.pdf>
2. Berberian AP. Fonoaudiologia e Educação: um encontro histórico. São Paulo: Plexus; 1995.
3. Giroto CRM. Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. 2ªed. São Paulo: Plexus; 2001.
4. Oliveira JP, Natal RMP. A linguagem escrita na perspectiva de educadores: subsídios para propostas de assessoria fonoaudiológica escolar. Rev. CEFAC. 2011; 14(6): 1036-46.
5. Penteadó RZ, Servilha EAM. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção da saúde. Distúrbios Comun. 2004; 16(1): 107-16.
6. Oliveira RT, Zaboroski AP, Oliveira JP, Bougo GC. Assessoria Fonoaudiológica na Educação Infantil. Rev. Conex. UEPG. 2010; 1(6): 78-83.
7. Smolka ALB, Góes MCR. (Orgs) Nogueira ALH, Lacerda CBF, Oliveira IM, Fontana RAC. A linguagem e o outro no espaço escolar. Vygotsky e a construção do conhecimento. 13ªed. Campinas: Papirus; 2010.
8. Oliveira, MKde. Teorias psicogenéticas em discussão. 5ªed. São Paulo: Summus; 1992.
9. Dourado JS, Carvalho ALS, Lemos SMA. Desenvolvimento da Comunicação de Crianças de um a três anos e sua relação com o ambiente familiar e escolar. Rev. CEFAC. 2015; 17(1): 88-9.
10. Carlino FC, Denari FE, Costa MPR. Programa de orientação fonoaudiológica para professores da educação infantil. Distúrbios Comun. 2011; 23(1): 15-23.
11. Silva LK, Labanca L, Melo EMC, Guarisco LPC. Identificação dos Distúrbios da Linguagem na escola. Rev. CEFAC. 2014; 16(6): 1972-79.
12. Mendonça JE, Lemos SMA. Promoção da saúde e ações Fonoaudiológicas em educação infantil. Rev. CEFAC. 2011; 13(6): 1017-30.
13. Campos CJG. Métodos de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm. 2004; 57(5): 611-4.
14. Limissuri RCA, Befi-Lopes DM. Fonologia e vocabulário na percepção de educadoras sobre comunicação de pré-escolares. R. bras. Est. Pedag. 2009; 90(225): 433-48.
15. Maranhão PCS, Pinto SMPC, Pedruzzi CM. Fonoaudiologia e educação infantil: uma parceria necessária. Rev. CEFAC. 2009; 1(1): 59-66.



16. Sebastião LT, Buccini GS. Fonoaudiologia, educação infantil e família: novos caminhos para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral de crianças. In: Pinho SZ, Saglietti JRC (Orgs). Núcleos de Ensino da Unesp artigos 2008. São Paulo(SP): Cultura Acadêmica; 2011. p. 984-1002.
17. Tomita NE, Bijella VT, Franco LJ. Relação entre hábitos bucais e má oclusão em pré-escolares. *Rev. Saúde Pública.* 2000; 34(3): 299-303.
18. Galvão ACUR, Menezes SFL, Nemr K. Correlação de hábitos orais deletérios entre crianças de 4 a 6 anos de escola pública e escola particular da cidade de Manaus –AM. *Rev. CEFAC.* 2006; 8(3): 328-36.
19. Oliveira DL. A ‘nova’ saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2005; 13(3): 423-31.
20. Pereira VP, Schardosim LR, Costa CT. Remoção do Hábito de Sucção de Chupeta em Pré-escolares: apresentação e avaliação de uma estratégia motivacional. *Rev. Fac. Odontol. Porto Alegre.* 2009; 50(3): 27-31.
21. Bevilacqua MC, Formigone GMP. *Audiologia Educacional: uma nova opção terapêutica para a criança com deficiência auditiva.* 3ªed. Carapicuíba: Pró-Fono; 2000.
22. Myamoto RT, Houston DM, Kirk KI, Perdew AE, Svirsky MA. Language Development in Deaf Infants Following Cochlear Implantation. *Acta Otolaryngol.* 2003; 123(2): 241-44.
23. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.[homepage na internet]. São Paulo: SBFa [atualizada em 2016 Jun 07; acesso em 2016 Mar 15] Disponível em: http://www.sbf.org.br/portal/pdf/iiioficina_referencia_educacao2012.pdf
24. Batista LM. *Ações educativas em fonoaudiologia: promovendo a comunicação saudável no ambiente escolar.* [Dissertação mestrado]. Fortaleza (CE): Universidade de Fortaleza; 2010.
25. Brasil CCP, Chiari BM. Integrando fonoaudiologia e escola: uma proposta para prevenção do distúrbio de leitura e escrita. *Pró-Fono. R. Atual. Cient.* 2006; 36(9): 35-43.
26. Luzardo R, Nemr K. Instrumentalização fonoaudiológica para professores da educação infantil. *Rev. CEFAC.* 2006; 8(3): 289-300.
27. Lima MCMP, Barbarini GC, Gagliardo HGRG, Arnais MAO e Gonçalves VMG. Observação do desenvolvimento de linguagem e funções auditiva e visual em lactentes. *Rev. Saúde pública.* 2004; 38(1): 106-12.
28. Silva DRC, Santos LM, Lemos SMA, Carvalho SASC, Perin RM. Conhecimentos e práticas de professores de educação infantil sobre crianças com alterações auditivas. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2010; 15(2): 197-205.